

DÂW
WAA DÂR TUUW
O CAMINHO DOS ANTEPASSADOS

Karolin Obert¹

Mocita Morães Marques

Pedro Morães de Sousa, Maria Auxiliadora de Sousa Castro, Nazaré de Sousa Castro

RESUMO

Esse artigo apresenta uma análise de uma narrativa contada pela dona Mocita Morães Marques, uma anciã da etnia Dâw (família linguística naduhup). A mobilidade territorial desse povo não se torna apenas visível nas práticas cotidianas marcadas por caminhadas na floresta, mas também no discurso. Ou seja, ao conversar com uma pessoa da etnia dâw, o interlocutor se encontra em uma constante trajetória marcada por vários topônimos e referências à lugares que atravessam as histórias. Encontramos nelas, então, ênfases aos eventos de movimento e elementos dêiticos de várias classes que tecem seu conteúdo e localizam os eventos no espaço.

Palavras-chave: Dâw; Naduhup; Noções espaciais; Eventos de movimento.

ABSTRACT

This paper analyzes a narrative told by Mocita Morães Marques, an elderly speaker of Dâw (linguistic family: Naduhup). The territorial mobility of this ethnic group can be seen not only in daily practices that are marked by walks through the forest, but also in the discourse of Dâw speakers. This means that the hearer is confronted with a trajectory of innumerable toponyms and spatial references throughout the narrative. In other words, there is an emphasis on motion events and on a variety of deictic elements of different kinds that build the content of the story and anchor it in space.

Keywords: Dâw; Naduhup languages; Spatial language; Motion Events.

¹ Doutoranda em Linguística da Universidade de São Paulo (USP). Doctoral candidate in Linguistics at the University of São Paulo (USP).

Introdução²

Este artigo apresenta uma análise da narrativa *waa dâr tuuw* ‘O caminho dos antepassados’ contada em julho de 2018 pela dona Mocita Morães Marques, uma anciã de 66 anos da etnia dâw. Essa história foi contada em julho de 2013 no âmbito de um projeto de documentação linguística “A Documentation of Dâw”, funded by the Hans Rausing Endangered Language Project (ELDP), apoiado pelo ELDP. A narrativa foi gravada com a ajuda de jovens pesquisadores indígenas. Da mesma forma, os processos da transcrição e tradução em ELAN foram feitos com a ajuda de alguns jovens dâw que faziam parte da formação dos pesquisadores indígenas dentro dos projetos realizados na comunidade Waruá.

Na gravação (duração: 00:03:28 h), a anciã conta uma parte do mito de origem e do deslocamento do povo dâw a partir desse lugar de surgimento, passando pelos rios Marié e Curicuriari até chegar à atual comunidade Waruá (margem direita do rio Negro defronte à cidade de São Gabriel da Cachoeira). Encontramos dessa maneira, informações cruciais para entender melhor o passado do povo Dâw, seu movimento populacional e sua relação com os povos nadëb e tukano no passado. Segundo Basso (1988: 100), histórias desse tipo adquirem seu valor e sua significância pelo fato de que certos aspectos da língua são intimamente relacionados à construção cognitiva e cultural da paisagem. Ou seja, falar sobre paisagem reflete uma relação entre realidade geográfica e cognição humana, que está expressa em, por exemplo, *termos de paisagem* cuja conceptualização não segue princípios universais (BOHNEMEYER et. al, 2004). Já *nomes de lugares (topônimos)*, uma categoria recorrente encontrada nessa narrativa, fazem referência, no sentido mais estrito, ao espaço e ao meio ambiente, uma vez que esses se referem aos lugares que têm um papel marcado na vida das pessoas de uma determinada comunidade de fala. Igual aos termos de paisagem, os topônimos revelam uma estrutura do conhecimento conectada ao meio ambiente em que se encontra um determinado grupo humano (cf. BOHNEMAYER et.al., 2013). Percebe-se na fala da dona Mocita uma ênfase nas referências à paisagem e nomes de lugares, que ressalta a mobilidade espacial na vida tradicional do povo dâw. Falar sobre o passado na língua dâw implica referências a sítios antigos, lugares de caça, lugares de

2 Gostaria de agradecer a dona Mocita e o povo Dâw pela confiança em compartilhar as suas histórias comigo ao longo desses anos e pela paciência dos pesquisadores indígenas Pedro Morães de Sousa, Maria Auxiliadora de Sousa Castro e Nazaré de Sousa Castro, sem o seu interesse e disposição esse trabalho não seria possível. Agradeço também as instituições que apoiam essa pesquisa: Universidade de São Paulo, Fundação Amparo de Pesquisa (FAPESP), Museu do Índio de Rio de Janeiro e a Firebird Foundation. Por final, agradeço Luciana R. Storto e Patience L. Epps, Karin Vivanco e Luiz Fernando Ferreira pelos comentários e as organizadoras desse volume.

trabalho extrativista, cursos dos rios, igarapés e caminhos da mata.

Além da ocorrência desses termos, a narrativa se destaca pela densidade das codificações das noções de espaço como, por exemplo, pronomes demonstrativos distintos que fazem referência a diferentes níveis de distância, construções multi-verbais indicando a direção dos eventos de movimento em relação ao locutor e interlocutor e também através de recursos verbais e nominais (ex. posposições) que codificam rasgos topográficos da região.

É importante lembrar que narrativas desse tipo são raras no nosso corpus da língua *dâw* e sua análise é central para entender melhor a relação entre passado, memória e espaço, sobre o qual até hoje, sabe-se pouco.

1. O povo e a língua

O povo *Dâw* pertence à família linguística Naduhup com suas três línguas irmãs *nadëb*, *hup* e *yuhup* faladas no noroeste amazônico nas regiões do médio e alto rio Negro. Antigamente referia-se a essas etnias com o nome “*Makú*”, um termo pejorativo com origem nas línguas *arawak* que significa “aquele sem fala”. Esse nome foi associado aos “selvagens” ou “índios do mato” (cf. RAMOS & OBERT 2018) sempre em oposição aos “índios do rio” das etnias *tukano* e *arawak* (ATHIAS, 1995). No contexto regional, os povos que pertencem a família *Naduhup* têm sido considerados como sendo de caçadores-coletores em contraste às etnias vizinhas, definidas como sendo de agricultores (*Arawak*, *Tukano* e *Carib*). A história desses povos e suas línguas é o ponto de partida para entender as dinâmicas de contato e mudanças linguísticas entre grupos menores de populações de caçadores-coletores e para entender a pré-história amazônica (cf. EPPS & BOLAÑOS 2017). As línguas *hup* e *yuhup* estão localizadas dentro da região multilíngue do rio *Vaupés*. Seus falantes têm participação na rede regional de troca e, devido a isso, houve um contato linguístico que levou à uma convergência em direção a estruturas das línguas *tukano-orientais* (cf. EPPS 2007; 2008a; 2008b), porém com certas restrições. Houve também empréstimos lexicais parecidos com o que *Aikhenvald* (1999; 2002) descreve para o povo vizinho *tariana* (*Arawak*).

Vários autores (*AIKHENVALD* 1999; *MARTINS & MARTINS* 1999; *EPPS* 2007, *EPPS & BOLAÑOS* 2017) notaram que o povo *nadëb*, localizado fora da região do alto rio Negro, difere das suas línguas irmãs pelo perfil tipológico e pela história de contato linguístico. Já a língua *dâw* se encontra em um status intermediário, uma vez que ela compartilha traços gramaticais com as línguas

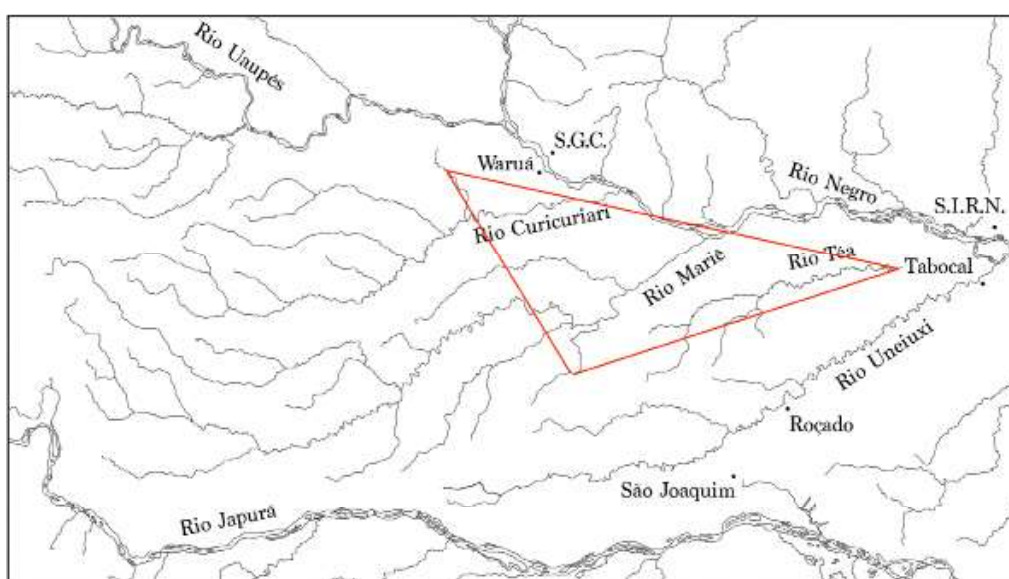
hup e yuhup e também com a língua nadëb. Porém, os trabalhos de Epps (2008) e de Epps e Bolaños (2017) mostram que, entre as quatro línguas que compõe a família naduhup, é possível visualizar um agrupamento das línguas hup, yuhup e dâw como subgrupo da família linguística.

Em relação ao perfil tipológico da língua dâw, Martins (1994; 2005) afirma que se trata de uma língua isolante e analítica com poucos processos de sufixação e um léxico predominantemente monossilábico (estrutura de sílaba CVC) e com um baixo índice de afixos. Encontramos categorias verbais como tempo e aspecto em forma de morfemas livres (53) e categorias nominais como plural expressas da mesma maneira (16). A ordem das palavras é predominantemente SVO em orações não marcadas (3), VOS em cláusulas interrogativas e VSO em cláusulas imperativas. Dâw mostra um padrão de alinhamento de caso nominativo-acusativo e indica a marcação diferencial de objeto através do morfema *-ũuy'* (44).

O inventário fonológico da língua dâw é constituído por 25 consoantes, que são divididas em consoantes sonoras que podem ser glotalizadas e não-sonoras que não podem ser glotalizadas. Já as vogais podem ser orais ou nasais com exceção de /o/, /e/, /ɣ/ que não podem ser nasalizadas. Em relação à ortografia padrão usada na análise da narrativa, observa-se que a vogal <â> representa /ə/ enquanto as vogais <ê> e <ô> se referem a vogais centrais altas /e/ e /o/. O apóstrofo após uma vogal marca a parada glotal e quando anteposto a consoantes sonoras no início da palavra, se refere a uma consoante glotalizada. A tonalidade (descendente a ascendente) na língua dâw é ortograficamente marcada através de duas vogais. A representação ortográfica da consoante fricativa glotal desvozeada /h/ é <r>, a fricativa velar desvozeada /x/ é <x> e a fricativa pós-alveolar /ʃ/ é <s> (cf. STORTO, 2018: 2).

Sobre a história do povo dâw há poucas referências até o momento. Atualmente, o povo dâw se reúne em uma única comunidade, Waruá (TI Alto Rio Negro). Segundo Martins (2005), desde o século XVIII, quando teriam ocorrido os primeiros contatos com os não-índigenas, sua população foi sendo reduzida drasticamente, por epidemias e violência, chegando a contabilizar apenas 56 indivíduos em 1984. Sua população atual é composta de 126 indivíduos (dados levantados por OBERT, em 2017). Segundo alguns anciãos, os Dâw habitavam o igarapé Wiç que seria afluente do rio Weni e subafluente do rio Marié (cf. Mapa 1). Os relatos narram que devido a muitas rivalidades internas e também com outros grupos indígenas, principalmente com o povo Nadëb, os Dâw foram progressivamente se deslocando, até chegar na área localizada entre os rios Curicuriari e Negro (dado confirmado por Obert em sua pesquisa de campo). É neste interflúvio, segundo Martins, que se encontram

seus cemitérios e comunidades antigas. Durante os anos em que vinham se deslocando rumo ao rio Negro, os Dâw começaram a trabalhar para grupos de outras etnias (principalmente tukano), em roças ou outros serviços que se fizessem necessários, em troca de alguma parte da colheita ou de produtos industrializados, como rede e ferramentas (ASSIS 2007: 135). As histórias desses tempos são marcadas por diversas guerras e por volta de 1940 já existem narrativas que fazem referência ao trabalho para comerciantes do alto rio Negro. É quando, aparentemente, os Dâw começam a trabalhar no extrativismo de piaçava. O sistema patrão-freguês continua até a década de 1980, quando então as relações do povo com a cidade passam a se intensificar e sua população a decrescer. Em 1983 é então criada a comunidade de Waruá, numa parceria com o missionário linguista Valteir Martins.



Mapa 1: Região tradicionalmente habitada pelo povo Dâw, entre o médio e alto rio Negro.

Fonte: Obert/Pissolati, 2018: 7

Apesar de a documentação histórica referente a esses povos ser limitada, existem narrativas como a da dona Mocita, que trazem elementos interessantes. Além de uma preocupação com a reconstrução histórica da mobilidade dâw na região, parece-nos que estas narrativas são reveladoras de uma compreensão singular do território indígena, dos modos como se dão e se deram o trânsito e o sistema de relações sociais pelas perspectivas dâw.

2. Sobre a narrativa

A contadora dessa história, a dona Mocita, é uma anciã dâw de 66 anos. Ela faz parte de uma geração de testemunhos do passado traumático na extração da piaçava, marcado pelo deslocamento, pela morte e sofrimento. Em uma conversa com a dona Mocita sobre sua história de vida, ela contou que nasceu no meio do mato no curso alto do rio Curicuriari (afluente do rio Negro), onde seus pais já trabalhavam na extração de piaçava e cipó. Da mesma forma como ocorreu com outras pessoas da mesma geração, sua vida foi marcada por constantes mudanças espaciais em busca de trabalho nas colocações de piaçava e cipó nos interiores da mata ao longo desse rio. Em uma viagem³ realizada em dezembro de 2017 com o objetivo de mapear o território antigo do povo dâw, foram coletados nomes de igarapés (afluentes do rio Curicuriari) que formam um conjunto com colocações de produtos extrativistas e lugares de nascimento ou morte dos parentes. Nas conversas com pessoas da geração da dona Mocita, percebe-se que a memória coletiva é marcada por esse passado, tanto que nosso corpus de textos coletados até agora é repleto de relatos que contam do itinerário ao longo desse rio. A narrativa aqui apresentada é, portanto, um documento de grande valor para entender melhor lugar de surgimento do povo dâw e seu deslocamento até nas cabeceiras do rio Curicuriari. A fronteira entre registro mítico e registro histórico não é nítida.

A história começa colocando o interlocutor no lugar de surgimento do povo dâw no igarapé Wiç, cuja localização exata não está clara até então. Em algumas conversas os Dâw localizam esse igarapé como afluente no médio curso do rio Marié. Já outras tratam ele como subafluente do igarapé Weni que é provavelmente um afluente do rio Tea, correndo em paralelo ao rio Marié. A indicação mais provável seria dentro do triângulo marcado no mapa 1 acima, que abrange a região do interflúvio dos rios Marié e Tea. Em seguida, Dona Mocita faz referência ao fato de que nesse lugar, a onça comia muito os Dâw, o que, segundo um relato do finado Simião (apud Assis, 2001: 31), levou os Dâw a fugir em direção ao igarapé Weni, que foi habitado pelo povo Nadëb. Foi o momento onde se iniciaram as guerras entre os dois povos. Curiosamente, a narradora faz referência também ao povo yanomami que ela designa com o etnônimo *tum 'ee* (Lit.: olho estreito), cuja área tradicional não é nessa região. Pissolati, em conversa pessoal, afirma que entre os Nadëb da comunidade do Roçado (localizada no rio Uneuxi, mapa 1), o termo *Yanomami* também é usado de maneira genérica, para

3 Essa viagem foi realizada no âmbito do projeto Projeto de Cooperação Técnica Internacional Salvaguarda do Patrimônio Linguístico e Cultural de Povos Indígenas Transfronteiriços e de Recente Contato na Região Amazônica, Projeto 91BRZ4019, Museu do Índio/UNESCO; *Subprojeto Caminhos dos Hupd'äh, Yuhupdeh, Dâw e Nadëb: arte verbal e imagem, tecendo floresta e mundos.*

se referir a um povo contra o qual eles fizeram guerra. Também entre os Dâw, o significado do termo *tum* 'ee varia para se referir ao povo yanomami, aos Nadëb e até aos Tukano, ou seja, aos inimigos de natureza antropofágica. Durante o processo da tradução, dona Mocita e os pesquisadores indígenas preferiram traduzir *tum* 'ee como povo *yanomami*, porém trata-se provavelmente do povo nadëb do rio Tea, que os Dâw descrevem como “bravos” e “populosos”.

A história continua, nesse exato ponto, no qual os Dâw começaram seu deslocamento rio acima ao longo do rio Marié. Em um determinado lugar nesse rio, quando todos os Dâw chegaram, dona Mocita conta sobre a morte da maioria deles. Nesse lugar, os Dâw queriam atravessar o rio Marié para o outro lado em uma canoa que estava boiando no rio e que, na verdade, era uma curupira⁴ deitada na água. Segundo os pesquisadores indígenas, a curupira apareceu para matar todos os Dâw nesse lugar porque havia uma moça dâw que estava menstruada pela primeira vez. Todos os Dâw embarcaram e afundaram na canoa da curupira. Dona Mocita menciona nas linhas (30) e (35) que os Dâw eram muitos e na linha (32) que eles eram poucos, pois refere-se ao fato que havia dois sobreviventes que continuam a migração formando novos clãs e que os outros morreram todos. Não está claro quem eram os dois sobreviventes, nem as circunstâncias de sua sobrevivência.

A partir desse momento, dona Mocita conta o deslocamento em direção ao rio Curicuriari. Na conversa com os pesquisadores indígenas e com a narradora, ficou claro que esses dois Dâw que sobreviveram atravessaram os grandes rios com uma canoa feita de casca de pau e depois seguiram os caminhos pelos interiores da mata até chegar acima da atual comunidade tukana Tumbira no alto do curso do rio Curicuriari. Depois, dona Mocita volta novamente na história para o tempo das guerras com os Nadëb, dos quais os Dâw se escondiam deixando o forno virado⁵ para os inimigos pensarem que eles estivessem ido embora. Ela enfatiza que nesses tempos antigos os Dâw tinham uma vida boa e que muitas coisas que pioraram a partir do momento dos itinerários dentro da mata, se alimentando apenas com frutas e plantas do mato como cará e caça (linhas (58) e (59)).

Em relação a sua chegada no alto curso do rio Curicuriari, a anciã descreve esse lugar como um antigo lugar de casa, ou seja, um lugar no qual os Dâw começaram a abrir pequenos sítios depois da migração entre os interflúvios dos rios Marié e Curicuriari. O conhecimento da mandioca iniciou-se

4 Segundo Fontanelli (2012: 101), o termo curupira para os Dâw refere-se ao agentes invisíveis, apenas audíveis pelo som das flautas. Outros termos usados pelos Dâw são *dono* ou *espíritos da floresta*.

5 Provavelmente, dona Mocita não se refere aqui a um forno para torrar farinha de mandioca, pois não há indícios pelo cultivo de mandioca que naquela época havia contato com os Nadëb.

provavelmente após a chegada dos povos tukano nessa região, dos quais eles roubavam a mandioca e se apropriaram provavelmente do cultivo e da produção de farinha como Mocita relata a partir da linha (52). O contato com o povo tukano também é descrito como conflituoso e levou até a um momento (descrito em linha (72)) no qual eles mataram quase todos os Dâw. Segundo os pesquisadores indígenas, os Tukano mataram os Dâw dormindo, o que explica a referência da Mocita dizendo que “eles morriam amontoados dentro da rede”.

A partir da linha (78), a anciã conta o deslocamento dos homens em busca de mulheres em outras “comunidades” no âmbito da participação em festa de dabucuri. Isso explica os assentamentos espalhados em grupos pequenos separados por clãs nessa região do Curicuriari. Em um desses deslocamentos, acontece uma das histórias da onça, que dona Mocita conta em partes. Trata-se de uma história de dois rapazes dâw que no caminho para um dabucuri matam um filhote da onça que eles cozinham em uma casa de cupim por falta de panela. A noite eles iam para a antiga casa dos Dâw que ficava no alto em uma árvore para se esconder dos pais do filhote de onça. Ao escutar o barulho de “espírito”, eles viram que os pais do filhote de onça que eles mataram vinham correndo atrás deles a noite toda.

A dona Mocita acaba a história com uma frase que fecha várias outras narrativas ressaltando os constantes deslocamentos dos Dâw até chegar na atual comunidade Waruá. Resumindo, essa narrativa deixa o leitor acompanhar o caminho dos Dâw desde o lugar de surgimento entre os rios Tea e Marié até a sua localização atual. Nela encontramos vários fatos históricos importantes como por exemplo o motivo pela saída do território ancestral, o motivo pela população pequena dos Dâw (canoa curupira), os hábitos alimentares ao longo do deslocamento, os primeiros sítios construídos nas cabeceiras do rio Curicuriari e por final o início do contato conflituoso com os povos Tukano nessa região.

Além do seu valor histórico, a narrativa é representativa devido a vários recursos da arte verbal dâw. Como a língua dâw foi descrita por Martins (2005: 278) com marcação de tempo opcional, torna-se interessante observar como a narradora expressa o passado distante no seu discurso. Encontramos em vários momentos, o advérbio temporal *nũkêd* ‘antigamente’ composto pelo verbo estativo *nũk* ‘ser. antigo’ e a posposição *ked* ‘dentro’ que literalmente corresponde ao ‘dentro do velho tempo’ (cf. (11) e (30)). Ao usar esse advérbio, que ocorre apenas em narrativas, o interlocutor está sendo colocado em um momento no passado distante que o locutor não presenciou. Em contraste com a marcação de tempo esporádica no discurso dâw, encontramos um rico inventário de morfemas aspectuais (cf. (53), (78) e (99)).

Encontramos também construções multi-verbais que associam eventos a sub-eventos, e dessa maneira, podem representar uma ordem cronológica dos eventos. Nas linhas (6) e (7) encontramos, por exemplo, a sequência dos verbos *bax* ‘surgir’ e *koor* ‘fazer.primeiro’, que deixa o interlocutor saber que se trata do evento inicial de uma sequência de eventos subsequentes na linha do tempo. Além dessa função, essas construções revelam, em alguns casos, informações sobre direção quando se trata de um evento de movimento. Assim, encontramos, por exemplo, a sequência dos verbos *çeeb* ‘mudar.lugar’ e *pee* ‘subir.rio’ na linha (18), na qual o verbo *pee* na última posição nos indica que os Dâw se mudaram em direção rio acima. Encontramos essas construções de maneira muito frequente no discurso dos Dâw, nas quais o verbo do último *slot* funciona como indicador da direção do movimento percorrido (cf. OBERT 2017).

Outro recurso que se destaca na narrativa é o uso contínuo do evidencial reportativo *mâr*, cuja função é qualificar a informação como não sendo derivada de testemunho direto do locutor (linhas (2), (9) e (18) entre outras)

Além do mais, essa narrativa apresenta a estratégia discursiva de *tail-head linkage* (THL) que Epps (2017: 285) também observa para hup, na qual cláusulas anteriores são resumidas e retomadas no início da cláusula seguinte. Ao contrário do hup, que não possui nenhuma marca morfológica para indicar a cláusula repetida, na língua dâw encontramos mudanças na ordem dos constituintes (comparar linhas (13) e (14)). Em dâw, essa estratégia é muito recorrente e a encontramos já nas primeiras duas linhas, nas quais dona Mocita enfatiza o adjunto locativo (*wĩç rid*), o lugar de surgimento, que ela repete no início da linha seguinte. Cria-se através disso uma coesão discursiva, que os Dâw mesmo descrevem como um mecanismo para “não se perder nos acontecimentos da história”. Além disso, encontramos orações adverbiais ou frases posposicionais com semântica espacial em forma de paralelismos através de sentenças e versos. Parecido com THL, essas repetições e paralelismos no discurso na língua dâw são mecanismos retóricos que ajudam na criação do enredo mantendo a ênfase nos eventos principais. Em alguns casos, a repetição dos elementos está acompanhada por uma pausa perceptível que possibilita ao narrador pensar sobre a continuação da narrativa.

O último aspecto recorrente que encontramos na fala da dona Mocita são vários recursos que enfatizam um enunciado de modo sentencial ou categórico com o verbo estativo *mãay* ‘ser.intensivo’ (12), o advérbio *reew* ‘muito’ (14), o intensificador *yêd* (69) e a partícula afirmativa *tii* (14). Eles se diferenciam pela sua posição sintática e pelos constituintes aos quais eles se referem, porém são uniformemente traduzidos como ‘muito’ ou ‘mesmo’. O pronome demonstrativo enfático *agâ* causa

um efeito semelhante, pois realça um referente sujeito ou objeto anteriormente introduzido (linhas (12); (72); (81) e (85)). O uso de todos esses recursos está acompanhando por uma prosódia que acentua esses elementos.

Baseado nesses fatos, podemos observar que *dâw* revela estratégias discursivas parecidas com o que foi observado para as línguas da região do alto Rio Negro (cf. AIKHENVALD 2002; EPPS 2017; STENZEL 2017), tais como construções multi-verbais, marcação de evidencialidade, as categorias aspectuais e os padrões de *head-tail linkage*. Porém, como Epps (2017: 285) afirma para *hup*, *dâw* também difere das línguas vizinhas pela escassez de marcadores do tempo passado e, por outro lado, pela frequente marcação do evidencial reportativo (cf. STENZEL 2017).

DÂW
WAA DÂR TUUW
THE PATH OF THE ANCESTORS

Introduction⁶

This paper analyzes the narrative *waa dâr tuuw* ‘The path of the ancestors’, told by Mocita Morães Marques, an elderly Dâw woman at the age of 66. This story was told on July 2013 within the project “A Documentation of Dâw”, funded by the Hans Rausing Endangered Language Project (ELDP). The narrative was recorded with the help of a group of indigenous researchers. Similarly, the processes of transcription and translation in ELAN were carried out with their help and that of others involved in the documentation projects in the Waruá community.

The recording (3:28 in length) includes several parts of the origin myth and migration of the Dâw people, starting from their place of emergence and passing along the Marié and Curicurari rivers until arriving at their present community of Waruá (on the riverbank opposite the city of São Gabriel da Cachoeira, AM). Through this story, we learn crucial information about the history of the Dâw people, their migration and their past relations with other groups, such as the Nadëb and Tukano. According to Basso (1988: 100), narratives of this type acquire value and significance by virtue of the ideational systems of language and landscape that are apprehended and construed among a native community. In other words, talking about landscape reflects the relationship between geographic reality and human cognition, and this relation is linguistically expressed, for example, in

6 I would like to express my gratitude to Mocita and the Dâw people for their confidence and their willingness to share their stories with me. I am especially grateful to the Dâw researchers who worked patiently with me, especially Pedro Morães de Sousa, Maria Auxiliadora de Sousa Castro and Nazaré de Sousa Castro – without their interest and availability this work would not have been possible. I also want to thank the University of São Paulo, Fundação Amparo de Pesquisa (FAPESP), Museu do Índio (Rio de Janeiro/FUNAI) and the Firebird Foundation for financial support for this research. Finally, I thank Luciana R. Storto, Karin Vivanco and Luiz Fernando Ferreira for their comments on this work, and the organizers of this volume.

landscape terms, whose conceptualizations do not follow universal principles (cf. BOHNEMEYER et al., 2004). Place names (or toponyms) are another important category that comes into play when referencing space — and in a narrower sense, the environment — since these refer to places that have a marked role in the lives of people from a given language community. Toponyms embody a certain knowledge structure represented in the community’s environment (cf. BOHNEMEYER et al. 2013). In Mocita’s speech, these references to landscape and toponyms reflect the spatial mobility of the traditional life of the Dâw people. In other words, talking about the past in Dâw is associated with old sites, hunting grounds, places of piaçava extraction, river courses, creeks, and paths within the forest.

Besides place names, this narrative is interesting in terms of the linguistic encoding of space. Spatial resources include distinct demonstrative pronouns referring to different degrees of distance, multi-verb constructions that indicate the spatial orientation of a motion event with respect to the locutor, as well as nominal and verbal resources codifying regional topographic information.

Finally, narratives of this kind are rarely found in our corpus of Dâw and are therefore crucial to better understanding the relation between past, memory, and landscape, a topic little known until now.

1. People and language

The language of the Dâw people, spoken in the northwest Amazon, belongs to the Naduhup linguistic family, along with its three sister languages Nadëb, Hup, and Yuhup. These peoples were formerly referred to with the pejorative term “Makú”, a word of Arawak origin that means “the ones without speech”. This name was often found associated with “savages” or “forest Indians” (cf. RAMOS & OBERT 2018) in opposition to “river Indians” represented by Tukano and Arawak groups (ATHIAS 1995). Even within the Amazonian context, the Naduhup family is particularly intriguing. Speakers of all four languages have a hunting/gathering focus, in contrast to their more agriculturally-oriented Arawak, Tukano, and Carib neighbors. The history of these peoples and their languages holds clues to the dynamics of language change and contact among small, hunter-gatherer populations (see EPPS & BOLAÑOS 2017) and to Amazonian prehistory. Hup and Yuhup are located within the highly multilingual Vaupés region; their role in a regional network of exchange and language contact has led to convergence toward East Tukanoan grammatical structures (e.g. EPPS 2007, 2008a, 2008b), but restrained lexical borrowing (EPPS 2009), very much like the situation Aikhenvald (1999, 2002) describes for their Tariana (Arawak) neighbors.

Numerous scholars (e.g. AIKHENVALD 1999; MARTINS & MARTINS 1999; Epps 2007; EPPS & BOLAÑOS 2017) have noted that Nadëb, located outside the Vaupés region, differs grammatically from its sisters, reflecting a conservative profile and/or distinct contact history. Dâw is intermediate, sharing some grammatical features with Hup and Yuhup and others with Nadëb (see EPPS 2011; EPPS & BOLAÑOS 2017).

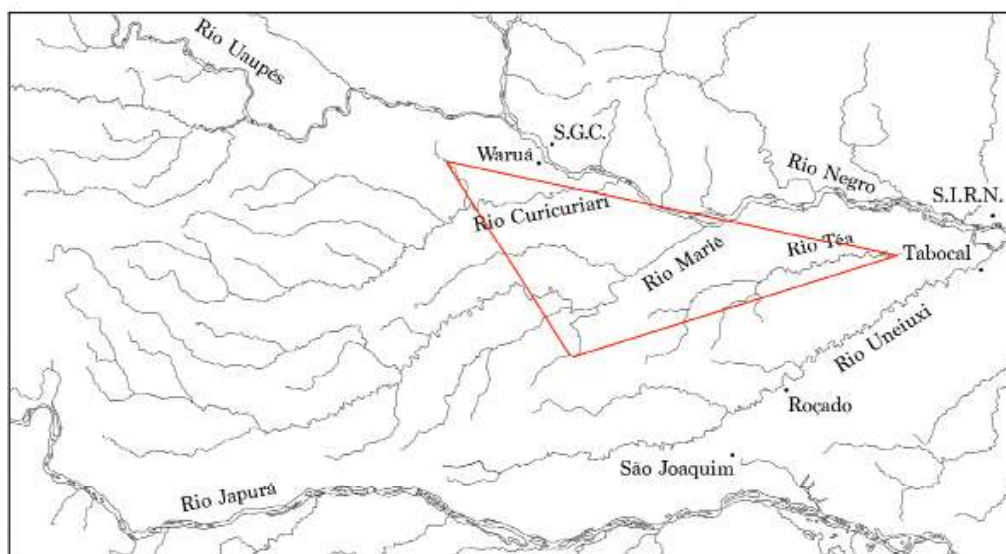
Martins (1994; 2005) describes Dâw typologically as an isolating analytical language with only a few processes of suffixation having a predominantly monosyllabic lexicon (syllable structure: CVC) with a low number of affixes. Consequently, verbal categories such as tense and aspect appear as free morphemes (see lines (53), (78) and (99)), and nominal categories such as plural are expressed in the same way (16). The predominant word order is SVO in unmarked clauses, VOS in interrogative clauses and VSO in imperative clauses. Besides, Dâw shows a nominative-accusative alignment and differential object marking through *-ũuy'* (3).

The phonological inventory of Dâw consists of 25 consonants divided into classes of sonorants, which can be glottalized and non-sonorants, which cannot. Vowels can be oral or nasal, with the exception of /o/, /e/, /ɤ/. With respect to the orthography used in this narrative, <â> represents /ə/ whereas <ê> e <ô> refer to the central high vowels /e/ and /o/. The apostrophe following a vowel indicates the glottal stop and whenever it precedes word initial sonorants, refers to a glottalized sonorant. Rising and falling tone are equally orthographically represented by the reduplication of the vowel like in *maam* 'relative', however there is no orthographic indication of rising or falling tone. The voiceless glottal fricative /h/ is represented with <r>, the voiceless velar fricative /x/ with <x> and the post-alveolar fricative /ʃ/ appears as <s> (cf. STORTO 2018: 2).

There are few references that deal with the history of the Dâw people. Nowadays, there is only the Waruá community (Terra Indígena Alto Rio Negro), located on the southwest bank of the Rio Negro river, in front of the city of São Gabriel da Cachoeira. According to Martins (2005), since the Dâws' first contact with non-indigenous people in the eighteenth century, the population has suffered a drastic demographic decrease due to epidemics and violence that resulted in a population of only 56 people in 1980. The current Dâw population is around 126 people. According to some elder Dâw speakers, they originally inhabited Wiç creek, a tributary of the Weni river that is in turn a tributary of the Marié river (see map 1). Stories about these times, such as Mocita's story, reveal that because of many rivalries with other indigenous groups (mainly with the Nadëb people), the Dâw started to migrate until they arrived in the area between the Curicuriari river and the Negro river.

Old sites and cemeteries in this interfluvial region prove this fact. During the migration, the Dâw people came into contact with other indigenous groups (mainly Tukanoan), for whom they worked in order to exchange manufactured goods such as hammocks and tools (ASSIS 2007: 135). Narratives of these times are marked by references to wars, and narratives beginning around 1940 describe labour relations with merchants along the Negro river. This is when the Dâw people started to work in the extraction of piaçava, initiating a subservient relationship with the non-indigenous population that continued until around 1980. From this decade on, the relation of the Dâw people to the city of São Gabriel da Cachoeira intensified, following the foundation of the Waruá community in 1983 by missionary Valteir Martins.

Despite limited historic documents related to the Dâw people, narratives such as Mocita's bring together interesting facts. Besides a reconstruction of the spatial mobility of the Dâw people in the past, these narratives reveal a unique understanding of the indigenous territory and of social relations from the perspective of the Dâw people.



Map 1: Traditional region of the Dâw people between the Middle and Upper Rio Negro.

Source: Obert & Pissolati 2018: 7

2. About the narrative

This narrative was told by Mocita, an elderly Dâw speaker, 66 years of age. Mocita belongs to a generation who directly witnessed the traumatic times of extractivist activities, a period marked by spatial dislocation, death, and distress. In a conversation with Mocita about her life history, she told us that she was born deep in the forest, around the upper course of the Curicuriari river (a tributary of the Negro river), where she and her parents used to move along the river in order to find jobs in piaçava extraction. During a journey in December 2017 that intended to map the Dâws' ancient territory around the Curicuriari river, we observed that toponyms referred to creeks, working grounds, and places of birth or death of Dâw people. These places thus determine the collective memory of a whole generation of Dâw, and are a feature visible in our corpus of texts that in many cases tells us this tragic part of their past. For that reason, Mocita's narrative can be regarded as an important document that brings us closer to a better understanding of the place from which the Dâw people emerged and of their dislocation in the direction of the headwaters of the Curicuriari river. In other words, this narrative brings together both the past and the mythological past.

The story starts by placing the listener at the Wiç creek, the place of emergence of the Dâw people and whose exact localization is still not clear. In some conversations, the Dâw describe this creek as being a tributary in the middle course of the Marié river. Others describe the Wiç creek as a tributary of the Weni creek, which is in turn a tributary of the Tea river. The closest indication can be found in the triangle in Map 1 above, which contains the interfluvial zone between the Marié and the Tea rivers. Mocita mentions that this was the place where the jaguar ate many Dâw, an event that according to a statement of the late Simão (ASSIS, 2011: 31), forced them to flee in the direction of the Weni creek, which was then occupied by Nadëb people. This contact is considered the beginning of the wars between the Dâw and the Nadëb. Mocita also refers to the Yanomami people by using the ethnonym *tum 'ee* (Lit.: narrow eyes), whose traditional area is not considered to be in this region. Pissolati (personal communication) claims that the Nadëb people of the Roçado community (located at the Uneuxi river, map 1) also use the term *Yanomami* as a generic word referring to enemies. In Mocita's speech, we observed that the semantics of word *tum 'ee* varies, since it is often also used to refer to Nadëb and Tukano people, who were enemies of anthropophagic nature. During the translation process, both Mocita and the indigenous researchers preferred to translate *tum 'ee* as 'Yanomami people' even knowing that it is more plausible that their enemies were the Nadëb people of the Tea river, constantly described as "furious" and "populous" by the Dâw.

The story continues to the point where the Dâw people started their process of migration up the Marié river. Mocita tells that when all Dâw arrived at a certain place on this river, almost everybody died, since they wanted to cross the river in a floating canoe that was actually a *curupira*⁷ lying in the water. According to the indigenous researchers, the curupira appeared because there was one girl among the Dâw people who had menstruated for the first time. All of them entered the curupira canoe and drowned. In lines (30) and (35), Mocita mentions that the Dâw were numerous, whereas in line (32) she says that they were only few people. This refers to the fact that there were two survivors who did not enter the canoe and for that reason, continued the migration and created new families.

From this moment on, Mocita narrates the spatial dislocation in the direction of the Curicuriari river. The indigenous researchers explained that the two remaining Dâw first crossed the rivers in a canoe made of bark and then trekked through the interior of the forest until they arrived at the upper course of the Curicuriari river near the current Tukanoan community of Tumbira. At this moment, Mocita goes back to the period of the wars between Dâw and Nadëb by telling that they turned the ovens⁸ upside down so that the enemies thought that they were not there. She emphasizes that the Dâw had had a good life in the old times and that their lives had become worse during the migration through the forest, given that their staple foods were fruits and plants, such as wild yam, as Mocita tells us in lines (58) and (59).

With respect to the arrival of the Dâw at the upper course of the Curicuriari river, Mocita describes this place as old sites where they began to build small settlements after the migration between the Marié and Curicuriari rivers. After the arrival of the Tukanoan groups in this region, the Dâw probably had their first contact with manioc cultivation and with the production of manioc flour, as Mocita narrates in line (52). The contact with the Tukanoan groups is described as conflicted and lead to moments in which the Tukano people killed the Dâw (line (72)). The indigenous researchers explained Mocita's words stating that they "had died lying together in the hammock", which ultimately means that the Tukano people killed them while they were sleeping.

In line (78), Mocita explains the treks Dâw men took looking for women in other communities, probably by participating in traditional *dabucuri* (gifting of goods) ceremonies. This indicates

7 According to Fontanelli (2012: 101), the term *curupira* in Dâw refers to invisible agents that are only audible through the sound of the flutes. Other terms used in this context are *dono* or *forest spirit*.

8 Probably, Mocita does not refer to the typical oven to roast manioc flour because there is no evidence for manioc cultivation in the time of contact with the Nadëb people.

separated settlements of smaller groups divided by clans in this region of the Curicuriari river. In one of these treks, one of the various stories of the jaguar that Mocita tells happened. In this story, two young Dâw men on their way to a *dabucuri* ceremony kill the offspring of a jaguar and cook it in a termite mound, due to the lack of a pan. At night, fearing the jaguar mother, they decide to hide in an ancient house of the Dâw people located at the top of a tree. Suddenly, they hear the noise of a spirit and see that the parents of the cubs had been following them all night long.

Dona Mocita finishes the story with a sentence that closes many other narratives: she says that the lives of the Dâw were marked by constant mobility within the forest until they arrived at the present community of Waruá. To sum up, this story allows the hearer to follow the tracks of the Dâw people, starting from their mythological place of emergence between the Marié and Tea rivers until their current local. There are several historical facts hidden in this story, for example, their reason for leaving their ancestral territory, the reason for their relatively small population (the *cururpira* canoe), their eating habits, their first temporary settlements along the Curicuriari river, and finally the begin of their conflicted contact with Tukanoan groups.

Besides its historical value, this narrative is a representative example of Dâw verbal art. At first, it is interesting to think about the absence of obligatory tense marking, as Martins (2005: 278) describes. The analysis shows that distant past in discourse is constantly marked by the temporal adverb *nũkêd* ‘formerly’ or ‘in the old times’, consisting of the stative verb *nũk* ‘be old’ and the postposition *ked* ‘inside’, which literally corresponds to ‘in the old times’ (see (11) and (30)). By using this adverb, which is usually exclusively found in narratives, the hearer is moved to a moment in a distant past, in which the storyteller was not present.

Another frequent resource are multi-verb constructions that associate events and sub-events and express a temporal sequence. In lines (6) and (7), we see the sequence of verbs *bax* ‘emerge’ and *koor* ‘do first’ which indicates that the event of emerging occurs first in the timeline of subsequent events. Besides this function verb, sequences such as *çeeb* ‘change place’ and *pee* ‘go upriver’ in line (18), show how spatial deixis and directionality can be expressed through these constructions, since the verb *pee* indicates the direction of motion, in this case, *upriver* (cf. OBERT 2017).

Furthermore, the reparative evidential *mãr*, whose discursive function is to express orality of the information and the fact that the speaker is not responsible for the content, stand out in the narrative (see lines (2), (9) and (13)).

Similar to what Epps (2017: 285) describes for Hup, the process of tail-head linkage (THL) is another discursive strategy that is frequently observable in Dâw narratives. According to Epps (2017: 285), head-tail linkage occurs when preceding clauses are summarized and repeated in the first part of the following sentences (compare lines (13) and (14)). The function of this strategy in Dâw is text cohesion — or as the Dâw describe it, “it helps to not get lost within the story”. Moreover, we find adverbial clauses or postpositional phrases with spatial semantics in parallel movements crossing sentences or stanza boundaries. Similar to THL, repetitions and parallelisms in Dâw discourse are rhetoric devices that help create the plot and keep emphasis on the main events. In some cases, the repetition of the adverbial clause is accompanied by a perceptible pause, which is used to think about the continuation of the story.

Finally, Mocita’s speech displays a variety of emphatic strategies of categoric and sentential types, such as the stative verb *mãay* ‘be intensive’ (12), the adverb *reew* ‘a lot’ (14), the intensifier *yêd* (69) and the affirmative particle *tii* (14). These morphemes differ from each other according to their syntactic position and with respect to the constituents they refer to, but they are constantly translated as ‘really’ or ‘a lot’. The emphatic demonstrative pronoun *agâ* induces a similar reading since it emphasizes a referent, subject or object, that was recently introduced in the narrative (see lines (12), (72), (81) and (85)).

Based on these facts, we conclude that Dâw shares similar discursive strategies, such as multi-verb constructions, evidential marking, aspectual categories, and head-tail linkage patterns that are observed for some languages of the Upper Rio Negro region (see AIKHENVALD 2002; EPPS 2017; STENZEL 2017). On the other hand, the Dâw example confirms Epps (2017: 285) findings on Hup, that these languages differ from their neighboring languages by the sporadic use of past-tense marking and by the excessive use of the reportative evidential, which contrast with the opposite behavior of Tukanoan languages (cf. STENZEL 2017).

3. WAA DÂR TËUW

‘O caminho dos antigos’

‘The path of the ancestors’

(1) *tiid bax mâr tiid wĩiç rid*

tiid bax mâr tiid wĩiç rid
para.lá surgir RPT para.lá igarapé.wĩiç LOC

‘Para lá eles surgiram, para lá no igarapé Wĩiç.’

‘They emerged there at the Wĩiç river.’

(2) *wĩiç rid dâw bax mâr tiid*

wĩiç rid dâw bax mâr tiid
igarapé.wĩiç LOC povo.dâw surgir RPT para.lá

‘No igarapé Wĩiç os Dâw surgiram.’

‘At the Wĩiç river they emerged.’

(3) *‘yãm x#’ weed mâr dâw-#y’*

‘yãm x#’ weed mâr dâw-#y’
onça comer RPT povo.dâw-DOM

‘A onça comia os Dâw.’

‘Jaguars were eating the Dâw.’

(4) *reew!*

reew
muito

‘Muito!’

‘A lot!’

(5) *nadâb sun mē’ wéen mĩ’*

nadâb sun mē’ wéen mĩ’
povo.nadëb COL outro igarapé.weni dentro.liquido

‘Os Nadëb estavam no outro igarapé Weni.’

‘The Nadëb people were at another river, at the Weni river.’

(6) *diid bax koor dâw-â’ primēel*

diid bax koor dâw-â’ primēel
lá:ITG surgir fazer.antes povo.dâw-FOC primeiro

‘Primeiramente, os Dâw surgiram lá longe.’

‘At first the Dâw people emerged there very far away.’

(7) *primêel dâw bax koor tiid wêen rid*

primêel dâw bax koor tiid wêen rid
primeiro povo.dâw surgir fazer.antes para.lá igarapé.weni LOC

‘Primeiramente os Dâw surgiram para lá no rio Weni.’

‘At first the Dâw people emerged at the Weni river.’

(8) *wĩiç rid*

wĩiç rid
igarapé.wĩiç LOC

‘No (igarapé) Wĩiç.’

‘At the Wĩiç (river).’

(9) *diid ‘yãm xũ’ weed mâr reew*

diid ‘yãm xũ’ weed mâr reew
lá:ITG onça comer RPT muito

‘Lá longe, dizem que a onça comia muito (os Dâw).’

‘There far away it is said that the jaguar ate (the Dâw people) a lot.’

(10) *reew tũm ‘ee sun*

reew tũm ‘ee sun
muito olho estreito COL

‘Os Yanomami (olho estreito) eram muitos.’

‘There were many Yanomami (narrow eyes).’

(11) *tũm ‘ee sun reew nĩkêd.*

tũm ‘ee sun reew nĩkêd
povo.yanomami COL muito antigo-dentro

‘Os Yanomami (olho estreito) eram muitos antigamente.’

‘The Yanomami people (narrow eye) were a lot formerly.’

(12) *tâaw mãy mâr agâ’*

tâaw mãy mâr agâ’
ser.bravo ser.intensivo RPT DEM.EMPH

‘Dizem que esse aí é bravo mesmo.’

‘They say that that one is really mad.’

- (13) *nadâb sun weed dũ' dâw-ĩny'*
nadâb sun weed dũ' dâw-ĩny'
povo.nadëb COL comer também povo.dâw-DOM
'Os Nadëb também comiam os Dâw.'
'The Nadëb people ate the Dâw people as well.'
- (14) *reew weed rid tii*
reew weed rid tii
muito comer 3PL AFFIRM.PRTCL
'Eles comiam muito (os Dâw) mesmo.'
'They really ate (the Dâw) a lot.'
- (15) *reew diid rid weed mâr*
reew diid rid weed mâr
muito lá:ITG 3PL comer RPT
'Lá longe eles (os Nadëb) comiam muito.'
'There far away, they (the Nadëb people) ate a lot.'
- (16) *rân dâr*
rân dâr
ançião PLZ
'Os antepassados.'
'The ancestors.'
- (17) *reew m̃ay mâr weed diid tii yēm ta'*
reew m̃ay mâr weed diid tii yēm ta'
muito ser.intensivo RPT comer lá:ITG AFFIRM.PRTCL mundo inteiro
'Eles comiam muito lá mesmo, em todo lugar.'
'There they really ate a lot, everywhere.'
- (18) *abug rid çeeb pee tiid mâr*
a-bug rid çeeb pee tiid mâr
ANAF-alí 3PL mudar.lugar subir.rio para.lá RPT
'Alí, dizem que eles se mudaram para lá rio acima.'
'There, it is said, they moved upriver.'

(19) *ray mĩ' daad mĩ'*

ray mĩ' daad mĩ'
aquele dentro.liquido rio.marié dentro.liquido

'Dentro daquele, dentro do rio Marié.'

'In that, in that Marié river.'

(20) *daad mĩ' rid çeeb pee mâr*

daad mĩ' rid çeeb pee mâr
rio.marié dentro.liquido 3PL mudar.lugar subir.rio RPT

'Dizem que foi no rio Marié que eles se mudaram subindo.'

'It is said, that they moved upriver in the Marié river.'

(21) *dâw sâg wũud abug rid daad pee*

dâw sâg wũud abug rid daad pee
povo.dâw restante chegar DISC.CONJ 3PL rio.marié subir.rio

'Os Dâw que restaram chegaram e aí subiram o rio Marié.'

'The remaining Dâw arrived and then they went up the Marié river.'

(22) *abug rid wây' nũux xoo*

abug rid wây' nũux xoo
DISC.CONJ 3PL ver curupira canoa

'Aí eles viram canoa de curupira.'

'Then they saw the canoe of the curupira.'

(23) *abug rid kasãm rũ'*

abug rid kasãm rũ'
DISC.CONJ 3PL morrer todo

'Aí eles morreram todos.'

'Then everybody died.'

(24) *kasãm rũ'*

kasãm rũ'
morrer todo

'Morreram todos.'

'Everybody died.'

(25) *xoo wanhîi' ka' nîux tii dâw ãÿ buy s̄r uy dũ'*

xoo wanhîi' ka' nîux tii dâw ãÿ
canoa parecer estar.deitado.rede curupira AFFIRM.PRTCL pessoa mulher

buy s̄r uy dũ'
ser.pela.primeira.vez menstruar porque também

‘O curupira parecia canoa (deitada no rio) porque mulher estava menstruada pela primeira vez.’

‘The curupira appeared like a canoe (lying in the river) because a woman was menstruating for the first time.’

(26) *dâw çeeb pee nêed*

dâw çeeb pee nêed
povo.dâw mudar.lugar subir.rio vir

‘Os Dâw vieram se mudando subindo o rio.’

‘The Dâw came, moving upriver.’

(27) *ab̄g rid w̄ud niid, waa dâr*

ab̄g rid w̄ud niid waa dâr
DISC.CONJ 3PL chegar para.cá pessoa.morta PLZ

‘Aí, eles chegarem aqui (comundiade Waruá), os antepassados.’

‘Then they arrived here (Waruá community), the ancestors.’

(28) *w̄ud rî'*

w̄ud rî'
chegar todos

‘Chegaram todos.’

‘Everybody arrived.’

(29) *w̄ud rî' axooç sunu'*

w̄ud rî' axooç⁹ sun-u'
chegar todos 3PL.ANAPH COL-FOC

‘Todos eles chegaram.’

‘All of them arrived.’

9 Analisamos *axooç* como um pronome marcando a terceira pessoa de plural com função anafórica, uma vez que ele é julgado como agramatical em contextos nos quais ele não se refere a um termo anterior e também não se refere a terceira pessoa plural. Nesses casos os consultores fazem uso do pronome *rid* ‘eles’ como aparece em outros momentos da narrativa. Do ponto de vista etimológico, esse pronome contém o morfema *a-* que provavelmente advém do pronome anafórico genérico, porém a origem de *xooç* até então não está clara.

We analyze *axooç* as a pronoun marking third person plural and having an anaphoric function, since it

- (30) *reew mǎay mǎr nǎkéd dâwâ*
reew mǎay mǎr nǎk-ked dâw-â
muito ser.intensivo RPT antigo-dentro dâw-FOC
'Antigamente os Dâw eram muitos.'
'Formerly the Dâw people were a lot.'
- (31) *dâw tamêr wǎnd*
dâw tam-êr wǎnd
povo.dâw medo-NEG bem
'Os Dâw eram bem corajosos.'
'The Dâw people were very brave.'
- (32) *dâw wuk mǎr*
dâw wuk mǎr
povo.dâw grupo.pequeno RPT
'Dizem que era um grupo pequeno de Dâw (que era corajoso).'
'It said, that it was a small group of Dâw (that were brave).'
- (33) *ãr waa ãay xǎn wâa ran pǎn*
ãr waa ãay xǎn wâa ran pǎn
1S ser.velho mulher conversar escutar contar.história acostumar
'Eu sempre escutava as velhas contarem histórias.'
'I always listened the old women telling stories.'
- (34) *nǎkéd*
nǎk-ked
antigo-dentro
'Antigamente.'
'Formerly.'
- (35) *reew mǎr dâw nǎkéd*
reew mǎr dâw nǎk-ked
muito RPT povo.dâw antigo-dentro
'Antigamente os Dâw eram muitos.'
'In the old times, there were many Dâw people.'

is judged to be ungrammatical in contexts in which it does not have an explicit antecedent that is also third person. In these cases, consultants use the pronoun *rid* 'they', as we see in other places in the narrative. From an etymological standpoint, this pronoun contains the morpheme *a-* which likely comes from the generic anaphoric pronoun; however, the origin of *xooç* is still not clear.

- (36) *nã' ked mâr dâw çeeb pee nã' ked*
nã' ked mâr dâw çeeb pee nã' ked
DEM:PROX dentro RPT povo.dâw mudar.lugar subir.rio DEM:PROX dentro
'Os Dâw se mudaram subindo dentro desse (rio), dentro desse (rio).'
'The Dâw came up this (river), up this (river).'

- (37) *abug dâw râm mō'*
a-bug dâw râm mō'
ANAPH-alí povo.dâw ir muito.longe
'Alí, os Dâw foram para muito longe.'
'There, the Dâw people went far away.'

- (38) *tũmbil nĩ dũ' mâr dâw top xâw*
tũmbil nĩ dũ' mâr dâw top xâw
Tumbira EXI também RPT povo.dâw casa antigo.lugar
'No Tumbira eles também tem antigos lugares de casas.'
'In Tumbira there are also old house places/grounds.'

- (39) *tên woor nĩ bug*
tên woor nĩ bug
hoje povo.tukano EXI lá
'Lá tem Tukano agora.'
'Today there are Tukano people there.'

- (40) *reew m̃ay mâr bug ridi'*
reew m̃ay mâr bug rid-i'
muito ser.intensivo RPT lá 3PL-FOC
'Eles são muitos mesmo lá.'
'There a really many of them.'

- (41) *bee 'waap*
bee 'waap
árvore igual
'(São muitos) igual árvores.'
'(They are many) like trees.'

- (42) *dâw mēr sār w̃nd dâw-ũũy' ñkêd*
dâw mēr sār w̃nd dâw-ũũy' ñk-ked
povo.dâw NEG.EXI pensar FRUST povo.dâw-DOM antigo-dentro
'Pensaram que os Dâw não eram muitos antigamente.'
'They thought that the Dâw people were not a lot in the old times.'
- (43) *waa dârũũy'*
waa dâr-ũũy'
pessoa.morta PLZ-DOM
'Os antepassados pensavam isso.'
'The ancestors thought that.'
- (44) *abug 'yãm xũ' ridũũy kâs dâr*
a-bug 'yãm xũ' rid-ũũy' kâs dâr
ANAPH-alí onça 3PL-DOM morder PCTL
'Alí a onça mordeu eles.'
'There the jaguar ate them.'
- (45) *kâs m̃ay 'yãm xũ' dâwũũy' ñkêd*
kâs m̃ay 'yãm xũ' dâw-ũũy' ñk-ked
morder ser.intensivo onça povo.dâw-MDO antigo-dentro
'A onça mordida os Dâw muito antigamente.'
'The jaguar bit the Dâw people a lot in old times.'
- (46) *kas waap ñi dâwějē ñked waa dârěj*
kas waap ñi dâw-ěj-ěj' ñk-ked waa dâr-ěj
coisa TOT ter dâw-POSS-FOC antigo-dentro pessoa.morta PLZ-POSS
'Os Dâw de antigamente tinham tudo para eles.'
'In the old times the Dâw had everything for themselves.'
- (47) *reew m̃ay kas pay rēd kasãm dâw*
reew m̃ay kas pay rēd kasãm dâw
muito ser.intensivo coisa REL INS morrer povo.dâw
'Os dâw que morreram por causa de muitas coisas.'
'The Dâw people who died because of many things.'

(48) *reew pay kasãm dâwâ'*

reew pay kasãm dâw-â'
muito REL morrer povo.dâw-FOC

'Muitos dâw que morreram.'

'Many Dâw that died.'

(49) *abug dâw çeeb pee nã' ked mâr wâan nâax mĩ'*

abug dâw çeeb pee nã' ked
DISC.CONJ povo.dâw mudar.lugar subir.rio DEM:PROX dentro

mâr wâan nâax mĩ'
RPT rio.Curicuriari dentro.liquido

'Aí, dizem que os Dâw vinham se mudando (subindo) dentro desse, dentro do rio Curicuriari.'

'Then, it is said, that the Dâw people came up the Curicuriari river.'

(50) *abug dâw bãyâa tũbiil rid*

abug dâw bãyâa tũbiil rid
DISC.CONJ povo.dâw chegar comunidade.Tumbira LOC

'Aí os Dâw chegaram até na comunidade Tumbira.'

'Then, the Dâw people arrived at the community of Tumbira.'

(51) *rõt*

rõt
longe

'Longe!'

'Far away!'

(52) *abug rid top xâw' dâr-ũud*

a-bug rid top xâw' dâr-ũud
ANAPH-alí 3PL casa antigo.lugar PLZ-REST

'Alí ficam somente os seus antigos lugares de casa.'

'There are only old house places/grounds over there.'

(53) *abug dâw tuuk yêt xâd mâr bood*

a-bug dâw tuuk yêt xâd mâr bood
ANAPH-alí povo.dâw virar deitar DUR RPT forno

'Alí, dizem que os Dâw deixaram o forno virado no chão.'

'There, they say the Dâw people left the oven upside down.'

(54) *bood dâw tuuk yêt xâd mâr*

bood dâw tuuk yêt xâd mâr
forno povo.dâw virar deitar DUR RPT

‘Dizem que os Dâw deixaram (o forno) virado.’

‘It is said that the Dâw people left (the oven) upside down.’

(55) *tuuk yêt xâd mâr t̃m ‘ee rid-ũũy’ waan uy mâr*

tuuk yêt xâd mâr t̃m ‘ee rid-ũũy’ waan uy mâr
virar deitar DUR RPT olho estreito 3PL-DOM seguir porque RPT

‘Eles deixaram o forno virado porque dizem que os Yanomami (olho estreito) foram atrás deles.’

‘They left the oven upside down because it is said that the Yanomami people were following them.’

(56) *nadâb sun*

nadâb sun
povo.nadëb COLET

‘Os Nadëb.’

‘The Nadëb people.’

(57) *weed m̃ayêe’ mâr rid*

weed m̃ay-êe’ mâr rid
comer ser.intensivo-PST RPT 3PL

‘Eles (os Nadëb) comiam muito.’

‘They (Nadëb people) ate a lot.’

(58) *ĩin mâa r̃d ỹũũm dâw tii*

ĩin mâa r̃d ỹũũm dâw tii
cará cará.mato INS sobreviver povo.dâw AFFIRM.PRTCL

‘Os Dâw sobreviveram com cará e cará do mato.’

‘The Dâw people survived with yams and wild yams.’

(59) *‘nũ ‘yô’ p̃ñ’ ray ñg r̃d mâr*

‘nũ ‘yô’ p̃ñ’ ray ñg r̃d mâr
? molhar.comida acostumar INTJ gordura INS RPT

‘Dizem que (eles) molhavam (o cará) com gordura de caça.’

‘They say that they soaked (the yams) with game grease.’

(60) *měr suuk nĩr riděj měr kaaw nĩr*

měr suuk nĩr rid-ěj měr kaaw nĩr
NEG.EXI farinha nem 3PL-POSS NEG.EXI roça nem

‘Eles (os Dâw) não tinham nem farinha nem roça para eles.’

‘They (the Dâw people) did not have either mandioc flour or a plantation for them.’

(61) *měr rũ’*

měr rũ’
NEG.EXI tudo

‘Não tinha nada.’

‘There was nothing.’

(62) *kas waap měr ridějẽ*

kas waap měr rid-ěj-ẽ
coisa TOT NEG.EXI 3PL-POSS-FOC

‘Eles não tinham nada para eles.’

‘They had nothing.’

(63) *rid kêr xoo rid kêr xoo*

rid kêr xoo rid kêr xoo
3PL sofrer perambular 3PL sofrer perambular

‘Eles andavam sofrendo, andavam sofrendo.’

(64) *kêr xoo waa dâr*

kêr xoo waa dâr
sofrer perambular pessoa.morta PLZ

‘Os antepassados andavam sofrendo (com fome).’

‘They ancestors walked around suffering.’

(65) *měr kas waap*

měr kas waap
NEG.EXI coisa TOT

‘Não tinha nada.’

‘There was nothing.’

(66) *ab#g rid kooy mâr mâa rěd*

ab#g rid kooy mâr mâa rěd
DISC.CONJ 3PL comer.coisa.dura RPT cará.mato INS

‘Aí eles comiam (a comida) com cará.’

‘They ate their food with cará.’

- (67) *wâay aa xub mǎay mǎr dâwâ'*
wâay aa xub mǎay mǎr dâw-â'
falar ANAPH estar.com.fome ser.intensivo RPT povo.dâw-FOC
'É verdade, os Dâw passavam muita fome.'
'It's true, the Dâw were suffering hunger.'
- (68) *abug rid çâk mǎr woor yak*
abug rid çâk mǎr woor yak
DISC.CONJ 3PL roubar RPT povo.tukano mandioca
'Aí, eles roubavam a mandioca dos Tukano.'
'So, they stole the manioc of the Tukano people.'
- (69) *çâk rû'yêd*
çâk rû'yêd
roubar UNIV.QUANT INTS
'Roubaram tudo.'
'They stole everything.'
- (70) *abug woor rid-ñny'yût rû'yêd mǎr*
abug woor rid-ñny'yût rû'yêd mǎr
DISC.CONJ povo.tukano 3PL-DOM matar tudo INTS RPT
'Aí dizem que os Tukano mataram todos (os Dâw).'
'Then, it is said, that the Tukano people killed them (the Dâw people) all.'
- (71) *abug rid xup moog ka'xâd*
abug rid xup moog ka'xâd
DISC.CONJ 3PL REFL estar.junto.em.rede estar.deitado.em.rede DUR
'Aí eles morriam todos juntos na rede.'
'Then died together in a hammock.'
- (72) *reew mǎay agâ'aa reewěy*
reew mǎay agâ'aa reew-ěy
muito ser.intensivo DEM.EMPH ANAPH muito-?
'Estes (que morreram) eram muitos, aqueles eram muitos mesmo.'
'The ones (who died) were many, they were many.'
- (73) *reew mǎay apay*
reew mǎay a-pay
muito ser.intensivo ANAPH-coisa
'Essas coisas aconteciam muito.'
'These things used to happen all the time.'

- (74) *râa' sun dâw-ũũy' yũt-ẽr*
râa' sun dâw-ũũy' yũt-ẽr
povo.hupd'äh COL povo.dâw-DOM matar-NEG
'Os Hupd'äh não matavam os Dâw.'
'The Hupd'äh didn't kill the Dâw.'
- (75) *dâw maam dũ'*
dâw maam dũ'
povo.dâw parente também
'São parentes dos Dâw também.'
'They are relatives of the Dâw as well.'
- (76) *dâw reew kasãm pũn'*
dâw reew kasãm pũn'
povo.dâw muito morrer IPFV
'Muitas pessoas morriam.'
'Many people were dying.'
- (77) *rõt mãay rãm pũn' mâr rid ãam tâag yar rid nĩr xoot rid mâr*
rõt mãay rãm pũn' mâr rid ãam tâag
longe ser.intensivo ir IPFV RPT 3PL namorada ter.costume
yar rid nũ' mãy nĩr xoot rid mâr
ir.em.busca 3PL outro morar lugar 3PL RPT
'Eles costumavam ir muito longe para outras aldeias em busca de namoradas.'
'They used to go far away to other communities looking for women.'
- (78) *abug 'yãm xu' rid-ũũy' kãs pũn mâr*
a-bug 'yãm xu' rid-ũũy' kãs pũn mâr
ANAPH-alí onça 3PL-DOM morder IPFV RPT
'Nesse lugar, a onça mordida eles.'
'At that place the jaguar used to bite them.'
- (79) *rõt nũ dâwâ dâw tẽr nũ-ẽr rõt*
rõt nũ dâw-â dâw tẽr nũ-ẽr rõt
longe morar povo.dâw-FOC povo.dâw perto EXI-NEG longe
'Os Dâw moravam muito longe, perto eles não moravam.'
'The Dâw people lived far away, they did never lived close.'

(80) *rõt mãay agâ'*

rõt mãay agâ'
longe ser.intensivo DEM.EMPH

'Isso era longe mesmo.'

'This was really far away.'

(81) *'yãm xh' teeñny' yũt yéd koor mâr*

'yãm xh' tee-ñny' yũt yéd koor mâr
onça filho-DOM matar INTS fazer.primeiro RPT

'(Os Dâw) Mataram primeiro o filhote da onça.'

'At first, (the Dâw) killed the offspring of the jaguar.'

(82) *abũg rid dõo xaa ray ked mâr*

abũg rid dõo xaa ray ked mâr
DISC.CONJ 3PL CAUS estar.em.pé aquele dentro RPT

'Aí, dizem que eles colocaram (o filhote da onça) em pé no caminho.'

'They say that they left (the offspring of the jaguar) standing (on a stick) on the path.'

(83) *aa rid xaa yaa'*

aa rid xaa yaa'
ANAPH 3PL cozinhar assar

'Eles o (filhote da onça) cozinham.'

'They cooked it (the offspring of the jaguar).'

(84) *bok mãy agâ*

bok mãy agâ
panela não.ser DEM.EMPH

'Aquilo não era panela.'

'That one wasn't a pot.'

(85) *bu' baak*

bu' baak
cupim casa.inseto

'Casa de cupim.'

'Termite mound.'

(86) *bu' baak rid xaa mâr*

bu' baak rid xaa mâr
cupim casa.inseto 3PL cozinhar RPT

'Em casa de cupim eles cozinham.'

'They cooked it in a termite mound.'

- (87) *abɥg aa xaaw mār*
abɥg aa xaaw mār
DISC.CONJ ANAPH ferver RPT
'Aí esse (casa de cupim) ferveu.'
'Then this (termite mound) boiled.'
- (88) *xaawēr nōr*
xaaw-ēr nōr
ferver-NEG boca
'Na verdade não estava fervendo.'
'In fact it wasn't boiling.'
- (89) *abɥg tir weed rū' yêd tir yɥɥméd*
abɥg tir weed rū' yêd tir yɥɥm-éd
DISC.CONJ 3SG comer tudo INTS 3SG ser.cru-?
'Aí ele comeu tudo cru mesmo.'
'Then he ate everything raw.'
- (90) *dâw yar 'yãm xɥ' teeɥɥy' yūt yêd tii*
dâw yar 'yãm xɥ' tee-ɥɥy' yūt yêd tii
povo.dâw ir.em.busca onça filho-DOM matar INTS AFFIRM.PRTCL
'O homem dâw matou o filho da onça.'
'The Dâw (man) killed the offspring of the jaguar.'
- (91) *tir waan sé' aa*
tir waan sé' aa
3SG seguir.rastro.animal por.causa ANAPH
'Por isso ele correu atrás desse (filhote da onça).'
'That is why he chased it (the offspring of the jaguar).'
- (92) *abɥg tir ãa dâw top waar bɥɥt mār*
abɥg tir ãa dâw top waar bɥɥt mār
DISC.CONJ 3SG dormir povo.dâw casa antigo embaixo RPT
'Aí dizem que ele (o homem que matou o filhote da onça) dormiu na casa antiga dos Dâw.'
'Then, it is said, that he (the man who killed the offspring of the jaguar) slept in the ancient house of the Dâw people.'
- (93) *dâw top waar bɥɥt dâw ãa mār*
dâw top waar bɥɥt dâw ãa mār
povo.dâw casa antigo embaixo povo.dâw dormir RPT
'Na casa velha dos Dâw, o homem dâw dormiu.'
'The man slept in the ancient house of the Dâw people.'

(94) *top waar b̃ũũt rid ãa m̃r*

top waar b̃ũũt rid ãa m̃r
casa antigo embaixo 3PL dormir RPT

‘Eles dormiam na casa antiga.’

‘They slept in the ancient house.’

(95) *dâw*

dâw
povo.dâw

‘O povo dâw.’

‘The Dâw people.’

(96) *ab̃ũg rid ãa pox m̃r*

ab̃ũg rid ãa pox m̃r
DISC.CONJ 3PL dormir alto RPT

‘Aí eles dormiam no alto.’

‘They slept high up.’

(98) *rũm tâag r̃ẽd*

rũm tâag r̃ẽd
abacate árvore em.adhesão

‘No pé de abacate.’

‘In the avocado tree.’

(99) *rõt m̃ãay tôr w̃ũũd dâr r̃ãm aa ãp m̃r*

rõt m̃ãay tôr w̃ũũd dâr r̃ãm aa ãp m̃r
longe ser.intensivo barulho.espirito chegar PCTL ir ANAPH ? RPT

‘De muito longe vem falando o espirito.’

‘From far away the spirit came talking.’

(100) *‘yãm x̃ũ’ m̃ẽ’ t̃ũũm taa ox yâa ‘yãm x̃ũ’ sun tii tir ãam diid*

‘yãm x̃ũ’ m̃ẽ’ t̃ũũm taa ox yâa
onça NMRL:1 NMRL:2 frente correr vir

‘yãm x̃ũ’ sun tii tir ãam diid
onça COL AFFIRM.PRTCL 3SG esposa com

‘A onça veio correndo de lado a lado junto com sua esposa.’

‘The jaguar came running together with its wife.’

(101) *ox yeey yâa p̃og*

ox yeey yâa p̃og
correr balançar.corpo vir ser.grande

‘Eles vinham correndo (com corpo) balançando. (O corpo deles) era bem grande.’

‘They came running (with their bodies) shaking. (Their bodies) were huge.’

(102) *çêem rey tâ'*

çêem rey tâ'
noite demorar enquanto

'A noite toda.'

'The whole night.'

(103) *apaay agâ' n̄kêd dâw çeeb xôo p̄n̄'*

a-paay agâ' n̄k-ked dâw çeeb xôo p̄n̄'
ANAPH-ASSIM DEM.EMPH antigo-dentro povo.dâw mudar.lugar circular IPFV

'Era assim antigamente, os Dâw se mudaram de um lugar para outro.'

'In the old times it was like that, that Dâw were moving from one place to another.'

4. Lista de glosas

AFFIRM.PRTCL	affirmative particle
ANAPH	anaphoric pronoun
COL	coletivizer
DEM.EMPH	emphatic demonstrative pronoun
DOM	differential object marking
ITG	intangible
TOT	totalizer
NMRL	numeral
UNIV.QUANT	universal quantifier

REFERÊNCIAS

AIKHENVALD, A. Areal diffusion and language contact in the Içana-Vaupés basin, North West Amazonia. In Dixon, R. M. W.; Aikhenvald, A. (org.). *The Amazonian Languages*, Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 385-413.

AIKHENVALD, A. *Language Contact in Amazonia*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2002, p. 363.

ASSIS, L. *Do caxiri a cachaça: mudanças nos hábitos de beber do povo Daw no Alto Rio Negro*. São Gabriel da Cachoeira: UFAM, 2001, p. 87.

ASSIS, L. *Quando o fim o começo: identidade e estigma na história do povo Dâw no Alto Rio Negro*. Tese de mestrado em antropologia. Manaus: UFAM, 2006, p. 118.

ATHIAS, R. *Hupdah-Maku/Tukano: les relations inégales entre deux sociétés du Uaupés Amazonien (Brésil)*. Tese de doutorado em antropologia. Paris: Université de Paris X, 1995, p. 157.

BASSO, K. Speaking with Names: Language and Landscape among the Western Apache. *Cultural Anthropology*, v.3, no.2, 1988, p. 99-130.

BOHNEMEYER, J.; BURENHULT, N.; ENFIELD, N.J.; LEVINSON., S. Landscape terms and place names elicitation guide. In Majid, A. (org.). *Field Manual Volume 9*, Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics, 2004, p.75-79.

EPPS, P. The Vaupés melting pot: Tukanoan influence on Hup. In Aikhenvald, A.; Dixon, R. M. W. (org.). *Grammars in Contact: A Cross-linguistic Typology*, Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 267-287.

EPPS, P. *A Grammar of Hup*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008a, p. 1136.

EPPS, P. *Grammatical borrowing in Hup*. In Matras, Y.; Sakel, J. (org.). *Grammatical borrowing: a cross-linguistic survey*, Berlin: Mouton de Gruyter, 2008b, p. 551-565.

EPPS, P.; SALUSTIANO, I.; MONTEIRO, J.; DIAS, P. Hup. In Stenzel, K.; Franchetto, B. (org.). *On this and other worlds: Voices from Amazonia*, Berlin: Language Science Press, 2017, p. 277–329.

EPPS, P.; BOLAÑOS, K. Reconsidering the “Makú” Language Family of Northwest Amazonia. [*IJAL international journal of american linguistics*, v.83, no.3, 2017, p. 467–507. doi: 10.1086/691586.

FONTANELLI, J. V. *Figuras da mata, ocupantes da cidade e do Rio: imaginário etnográfico e etnografia das transformações Dâw - Rio Negro (AM)*. Tese de Mestrado em Antropologia. Curitiba: UFPR, 2015, p. 139.

MARTINS, S. *Análise da morfossíntaxe da língua Dâw (Maku-Kamã) e sua classificação Tipológica*. Tese de Mestrado em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Brazil, 1994, p. 217.

MARTINS, S.; MARTINS, V. Makú. In Dixon, R. M. W.; Aikhenvald, A. (org.). *The Amazonian Languages*, Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 251-266.

MARTINS, S. *Fonologia e gramática Dâw*. Tese de doutorado em Linguística. Amsterdam: Vrije Universiteit Amsterdam, 2004, p. 685.

OBERT, K. *Are there Serial Verb Constructions in Dâw?* Presentation at CILLA VIII, Austin:

University of Texas, 2017.

OBERT, K; PISSOLATI, N. (em preparação) *Caminhos de água, histórias de agora - apontamentos sobre territorialidade dâw e nadëb*. 2018.

RAMOS, D.; OBERT, K. Uma tradução do artigo “Die Makú” de Theodor Koch-Grünberg (1906). *Revista de Antropologia* (USP), v.60, n.2, 2017, p. 588-633. doi: 10.11606/2179-0892.ra.2017.137323.

STENZEL, K.; MARQUES, T.; TRINDADE, J.; CABRAL, M. Kotiria. In Stenzel, K.; Franchetto, B. (org.). *On this and other worlds: Voices from Amazonia*, Berlin: Language Science Press, 2017, p. 189-277.

STORTO, L. (forthcoming) Count and Mass Nouns in Dâw. In Lima, S. (org.) New perspectives on the count-mass distinction: understudied languages and psycholinguistics. *Language and Linguistics Compass*.